



XV SEUR

15 Anos de Estudos Urbanos e Regionais

Campo e cidade: contribuições para a compreensão das suas relações a partir da feira agroecológica

Henrique Müller Priebbernow, UFPel, henriquempo@hotmail.com

Giancarla Salamoni, UFPel, gi.salamoni@yahoo.com.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo propor uma reflexão acerca das relações existentes entre o espaço rural e o urbano, a partir da observação da Feira Agroecológica da Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL), no município de Canguçu/RS. A metodologia adotada para a sua construção partiu, inicialmente, de uma pesquisa bibliográfica sobre as questões expostas em seu corpus textual e de levantamento fotográfico do recorte empírico observado. Com o desenvolvimento do modo capitalista de produção, as fronteiras entre os espaços ficam, cada vez mais, imprecisas, de modo que, ao analisar o espaço urbano deve-se levar em consideração o espaço rural e vice-versa, o que torna as relações entre ambos demasiadamente complexas. Entre os principais apontamentos levantados verifica-se que, a partir da Feira Agroecológica, os produtores rurais, ao expor os alimentos na feira, aproximam-se do consumidor citadino, permitindo a este, por sua vez, conhecer melhor a origem do alimento, bem como, ter acesso a uma alimentação mais saudável. Além disso, o morador da cidade, ao consumir a produção agroecológica oriunda da agricultura familiar, contribui para a reprodução social e econômica das famílias rurais.

Palavras-chave

Espaço rural; Espaço urbano; Feira Agroecológica.

Campo e cidade:

contribuições para a compreensão das suas relações a partir da feira agroecológica

1. Introdução

A consolidação do modo capitalista de produção e o seu funcionamento específico no espaço geográfico da sociedade moderna tem, por consequência, alargado as relações entre os espaços, sobremaneira, entre o urbano e o rural. A ciência geográfica tem, nessas relações, um



campo bastante vasto para dar luz aos seus desdobramentos, bem como apontar que não é possível analisar o urbano sem levar em consideração o rural e vice-versa.

Com o passar do tempo, os estudos e investigações sobre o campo e a cidade e suas inerentes relações tem ganhado relevo no interior das Ciências Humanas e Sociais, as quais legitimam as respostas para as inquietudes nos processos delineados entre esses dois espaços. Logo, é visível que o campo e a cidade são tomados por elementos que tornam as suas fronteiras cada vez mais imprecisas, não permitindo que ambos sejam analisados separadamente.

Neste sentido, o presente texto tem por objetivo propor uma reflexão que busca elucidar alguns elementos do campo que podem, também, ser observados na cidade. Para tal, tomou-se como contexto empírico pesquisado a Feira Agroecológica existente no município de Canguçu/RS, que possibilitou a observação, por meio de figuras elencadas no corpus textual, da presença de alguns aspectos nestes dois espaços e, por consequência, a sua problematização.

A reflexão inicia com a discussão acerca de alguns aspectos da atuação do capital no campo brasileiro e os seus desdobramentos. Após, é trazido o contexto de pesquisa mencionado, possibilitando observar como o rural está presente no espaço urbano. Na parte final, enfatiza-se a questão da juventude rural, procurando, a partir daí, pensar em como a conexão do rural com o urbano acaba interferindo na vida deste grupo social.

2. Metodologia

A metodologia empregada para a construção deste trabalho partiu, inicialmente, de uma pesquisa bibliográfica, entendida como o instrumento que “[...] busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas.” (BOCCATO, 2006, p. 266). Posteriormente, foi realizado o levantamento fotográfico, tendo em vista que esta técnica “[...] promove o congelamento do fluxo do tempo na imagem e, também, um recorte espacial da realidade, através do ângulo, do enquadramento e dos efeitos escolhidos para tratar do tema fotografado” (COSTA; MENDES; RIOS, 2016, p. 117).



3. Desenvolvimento

A incorporação e o desenvolvimento da lógica capitalista de produção, sobretudo a partir da década de 1960, com a chamada Revolução Verde¹, alterou bruscamente as relações de vida e trabalho no campo brasileiro. Assim, muitos trabalhadores e trabalhadoras rurais se viram no dilema entre aderir ao que esse paradigma técnico-científico impunha ou abandonar os seus espaços de origem, no caso daqueles que não apresentavam condições financeiras para adotar o “pacote” da modernização da agricultura.

Essa realidade acenou para que as relações entre o campo e a cidade também se transformassem, uma vez que aqueles incapazes de aderir ao conjunto de mudanças trazidas pela revolução acima aludida acabaram buscando o espaço urbano para viver. Tangente a isso, é preciso sublinhar que movimentos de resistência floresceram no campo, denunciando e rejeitando aquilo que o capital pretendia para a sua reprodução.

As definições, teóricas e metodológicas, acerca dos conceitos de rural e urbano, campo e cidade ainda são bastante imprecisas, necessitando atentar ao contexto empírico em que estas categorias serão empregadas. Porém, dados os processos permeados nas novas ruralidades (WANDERLEY, 2000) existentes, bem como, as relações delas com o espaço urbano, as conceituações antes mencionadas se constituem como unidades contraditórias, numa perspectiva marcadamente dialética.

Posto isso, a interação entre o campo e a cidade necessitam ser analisados a partir dos processos e relações desenhados pelos atores sociais que, nesses espaços, habitam e constituem seus modos de vida. Essa interação fornece alguns elementos para ler os dois espaços e perceber que, embora cada um contenha as suas particularidades, ambos coexistem num movimento de correlação de forças. Tão logo, não é possível tomar o campo e a cidade como sendo espaços estanques, alheios e fechados em si mesmos.

¹ “A introdução em larga escala, a partir da década de 1950, em muitos países do mundo, inclusive no Brasil, de variedades modernas de alta produtividade foi denominada Revolução Verde. Esse ciclo de inovações, cujo objetivo foi intensificar a oferta de alimentos, iniciou-se com os avanços tecnológicos do pós-guerra, com um programa de valorização do aumento da produtividade agrícola por meio de uma tecnologia de controle da natureza de base científico-industrial, a fim de solucionar a fome no mundo, visto que na época se considerava a pobreza, e principalmente a fome, como um problema de produção” (PEREIRA, 2012, p. 685).

A reflexão aqui proposta parte da observação da Feira Agroecológica da Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul² (ARPA-SUL), no município de Canguçu/RS³. Nela, os produtores agroecológicos disponibilizam os seus produtos à venda, sem o uso de agrotóxicos, os quais vão desde frutas até legumes e verduras, conforme pode ser observado abaixo, na Figura 01.



Figura 01 – Feira Agroecológica da Associação Regional dos Produtores Agroecologistas da Região Sul (ARPA-SUL), em Canguçu/RS.

Fonte: Acervo do autor, 2018.

Deste modo, percebe-se que há todo um cuidado frente à alimentação saudável, garantida pelos agricultores agroecológicos, desde a produção do alimento até a sua comercialização na Feira, e, o consequente consumo pela população urbana. Visto que:

² De acordo com informações constantes na página eletrônica da Prefeitura Municipal de Canguçu, a ARPA-SUL é formada por um total de 23 famílias, sendo elas de municípios como Turuçu, Arroio do Padre, Pelotas, Morro Redondo e Canguçu. A entidade, que é presidida pelo agricultor Nilo Schiavon, realiza a comercialização de produtos agroecológicos todas às quintas-feiras, em frente à Prefeitura Municipal de Canguçu.

³ ‘‘O município de Canguçu, localizado na Serra dos Tapes, forma, junto com a Serra do Herval e a Encosta do Sudeste, a região fisiográfica denominada Serra do Sudeste, situada na porção sul do Estado do Rio Grande do Sul’’ (PRIEBBERNOW, 2015). Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2012 o referido município possuía um total de 53.259 habitantes, sendo que 33.565 residem na área rural e, 19.694, na área urbana.

Àquilo que se come cabe, desse modo, garantir a saúde do corpo. E, para isso, faz-se necessário assegurar a pureza do alimento, sua integridade, dada pela ausência de elementos estranhos à sua constituição, comumente adicionados na produção ou processamento industrial. (MENASCHE, 2010, p. 204)

É evidente, pois, a presença do campo na cidade através da figura do agricultor, que busca vender os produtos agroecológicos e garantir, para si próprios, as condições necessárias para a sua manutenção no espaço rural, numa perspectiva de garantia condições necessárias à reprodução social e econômica das famílias. Esta relação possui um caráter duplo, dada à medida que o agricultor expõe a sua produção na feira e a comercializa, bem como, quando o morador da cidade procura a feira e compra, diretamente, o alimento *in natura*.

O destaque para a busca desses alimentos pode ser visto na Figura 02, onde uma moradora da cidade, com uma sacola de butiás nas mãos, compra aquilo que é fornecido, na feira, pelos produtores agroecológicos.



Figura 02 – Relação direta do produtor e do consumidor na Feira Agroecológica.
Fonte: Acervo do autor, 2018.

Ao que é, comumente, associado à expressão “de fora”, para se referir ao local de origem dos alimentos pelos moradores da cidade, cabe relacionar com o que Menasche (2010,



p. 205) enfatiza ao dizer que “de fora são os alimentos que vêm do interior, do meio rural, cuja origem é associada diretamente ao produtor. [...] Ou os comercializados em feiras – de produtos orgânicos ou não –, supostamente pelos próprios produtores”.

Assim, acredita-se que a escolha de comprar um alimento saudável, em que o consumidor conhece a procedência do mesmo, através do diálogo com quem o produz, acena para o cuidado com a saúde, mas, também, para o estreitamento das relações entre o campo, mediante a figura do agricultor e a cidade, com a do consumidor.

Nesse cenário, mais uma vez, é possível entender a relação que existe entre o campo e a cidade, principalmente em um contexto marcado pela presença da agricultura familiar camponesa⁴, como é o caso do município de Canguçu/RS. A Feira, com os alimentos trazidos diretamente do campo e realizada na cidade, estabelece o elo entre o morador urbano e os agricultores que residem no rural, expressando a clara dependência que o urbano tem do rural, desmistificando, inclusive, algumas correntes teóricas que apontam para o “fim” do rural enquanto espaço de realização da agricultura. A esse fenômeno se designa o termo “exôdo agrícola” (GRAZIANO DA SILVA, 1999).

Outro ponto que merece destaque nesta reflexão diz respeito aos jovens rurais⁵, isto é, os filhos de agricultores, que dividem, também, as atividades ligadas à produção na unidade agrícola familiar. Muitas vezes relegados quando as decisões da política institucional são tomadas, eles constituem uma categoria social importante para a continuidade da agricultura familiar, por meio do processo de sucessão hereditária.

Como já foi mencionado, a cidade e o campo não são dois polos estanques, sem relação um com o outro. Isso nos leva a pensar que, hoje, muito mais do que no passado, as redes de relações e comunicações entre o rural e o urbano se intensificaram, o que permite a esse jovem rural um contato maior com aquilo que a vida na cidade proporciona. Logo, é possível vislumbrar um universo de possibilidades, mesmo morando no campo, uma vez que a vida urbana não é mais tão atraente como no passado (CARNEIRO, 1998).

⁴ É preciso ressaltar que “[...] a categoria analítica adotada – agricultura familiar camponesa – expressa o reconhecimento da permanência de lógicas camponesas que estão combinadas a uma diversidade de estratégias socioprodutivas de caráter familiar na agricultura” (RIBEIRO; SALAMONI, 2011, p. 215).

⁵ Segundo Castro (2012, p. 439), “desde o século XX, em trabalhos sobre a ‘família camponesa’, o termo individualizado ‘jovem camponês’, ou simplesmente ‘jovem’, vem sendo acionado com frequência para designar filhos de camponeses que ainda não se emanciparam da autoridade paterna – geralmente solteiros que vivem com os pais”.



Sendo assim, Carneiro(1998) reitera que:

Abrir novas alternativas de trabalho no campo é um projeto que surge em função da perspectiva de estreitamento dos laços com a cidade, favorecido pelas facilidades dos meios de comunicação. É nesse contexto que os ideais da juventude rural apontam para uma síntese, que definimos como projeto de vida *rurbano* (CARNEIRO, 1998, p. 18).

É claro que o chamado ‘projeto de vida *rurbano*’ foi pensado a partir do estudo de realidades empíricas específicas, empreendido pela autora acima supracitada. Todavia, podemos, a partir desta perspectiva, pensar que os anseios da juventude que vive, atualmente, no campo, são diversos, não implicando, necessariamente, a saída destes para a cidade e nem a continuidade dos mesmos nas atividades agrícolas, visto que os atravessamentos entre o mundo rural e a cidade estão cada vez maiores, proporcionando, assim, possibilidades mais largas de escolhas no tocante às suas vidas.

4. Conclusão

Por fim, observa-se, cada vez mais, o estreitamento dos laços do campo com a cidade, seja no que concerne às relações estabelecidas entre os que compõem esses dois espaços, como, também, com a presença do rural no urbano. Assim, a Feira Agroecológica, organizada coletivamente por diversos agricultores familiares, que comercializam a produção de alimentos orgânicos na cidade, acaba por ser um exemplo de como o campo está contido e marca presença constante na cidade.

A oferta dos alimentos de origem saudável, pelos agricultores, por meio da Feira, incide sobre o cuidado com a saúde dos cidadãos, mas, também, encurta os laços e fortalece as relações entre estes, que acabam por consumir os produtos. Deixando claro, desta maneira, a dependência que esses diferentes atores sociais possuem no que tange à reprodução dos seus espaços e modos de vida e trabalho.

Outrossim, a questão da juventude rural vem nesse mesmo sentido, uma vez que os jovens, no campo, mas em estreito contato, nos dias de hoje, com a cidade, possuem maior clareza do que a vida citadina proporciona. Possibilitando, assim, uma vasta gama de escolhas quando do momento de decidirem sobre o rumo de suas vidas.



Referencial:

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol.** Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

CARNEIRO, M. J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luis Flávio (Org.). **Mundo rural e política**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

CASTRO, E. G. de. Juventude do campo. In: CALDART, R.; PEREIRA, I.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 437-444.

COSTA, J. M. A; MENDES, V. L. P. S.; RIOS, S. O. A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa. **Rev. Discursos Fotográficos**, Londrina, v. 12, n. 20, p. 98-120, jan./jul. 2016.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O Novo Rural Brasileiro**. Campinas: UNICAMP, Instituto de Economia, 1999.

MENASCHE, R. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v.3, n.2, p. 195-218, 2010.

PEREIRA, M. C. de B. Revolução Verde. In: CALDART, R.; PEREIRA, I.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. p. 685-690.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANGUÇU. Disponível em: <<http://www.cangucu.rs.gov.br/site/noticia/visualizar/id/3526/?ARPA-SUL-comemora-20-anos-de-Feira-Agroecologica.html>>. Acesso em: 08 fev. 2018.

PRIEBBERNOW, H. M. **Perspectivas da juventude rural**: um estudo a partir da Escola Municipal de Ensino Fundamental Heitor Soares Ribeiro – Canguçu/RS. 95f. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, 2015.

RIBEIRO, V. S.; SALAMONI, G. A territorialização camponesa no Assentamento 24 de Novembro – Capão do Leão – RS. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, Uberlândia, v. 6, n. 11, p. 194-217, fev. 2011.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro: UFRJ/CPDA, n.15, 2000, p. 87-145.